

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
LETRAS – LICENCIATURA PLENA**

**MARIA JÚLIA TOSTES
THIAGO GABRIEL DE OLIVEIRA**

**TECENDO VERSOS E BATIDAS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO FUNK
BRASILEIRO COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA**

**Ribeirão Preto
2023**

**MARIA JÚLIA TOSTES
THIAGO GABRIEL DE OLIVEIRA**

**TECENDO VERSOS E BATIDAS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO FUNK
BRASILEIRO COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de conclusão de curso de Letras
do Centro Universitário Barão de Mauá
para obtenção do título de licenciatura.

Orientador: Prof^a. Me. Érika Chiarello
Andrade.

**Ribeirão Preto
2023**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

T251

Tecendo versos e batidas: uma análise sociolinguística do funk brasileiro como expressão literária contemporânea/Maria Júlia Tostes; Thiago Gabriel de Oliveira - Ribeirão Preto, 2023.

57p.

Trabalho de conclusão do curso de Letras - Licenciatura Plena do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Érika Chiarello Andrade

1. Funk 2. Literatura 3. Cultura I. Tostes, Maria Júlia II. Oliveira, Thiago Gabriel de III. Andrade, Érika Chiarello IV. Título

CDU 82.09

Bibliotecária Responsável: Maria Gabriela Farias Cobianchi CRB⁸ 9914

**MARIA JÚLIA TOSTES
THIAGO GABRIEL DE OLIVEIRA**

**TECENDO VERSOS E BATIDAS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO FUNK
BRASILEIRO COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de conclusão de curso de Letras
do Centro Universitário Barão de Mauá
para aquisição do título de licenciatura.

Data de aprovação: 06/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Ma. Érika Chiarello Andrade
Centro universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dr. Rafael Cardoso de Mello
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto – SP
2023**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao corpo docente do curso de Letras, que nos acompanhou e instruiu durante a graduação, sendo, muitas vezes, muito mais do que apenas professores formando professores, mas seres humanos extraordinários formando o futuro da educação.

Em especial, gostaríamos de agradecer aos docentes Renata Cortez, André Alselmi, Rafael Félix e Michel Leandro, que são fonte de inspiração para os profissionais que pretendemos e almejamos nos tornar, pelas aulas e metodologias excepcionais, inovadoras e inspiradoras que, com certeza, estarão presente ao longo de nossa vida profissional, e pelo privilégio de estar na plateia de cada aula.

À professora Elaine Christina Mota, que abriu a primeira porta para que fosse possível estreitar a relação entre a literatura e o funk e, por fim, agradecemos à nossa orientadora Érika Chiarello, pelas intervenções, orientações, pela habilidade de transformar assuntos complexos em apenas mais uma conversa entre amigos e pela disponibilidade e interesse em aceitar nos orientar durante esse percurso.

Eu, Maria, gostaria de agradecer a meus pais, Juliana e José Ricardo, e aos meus irmãos, Rafael, Talitha, Thiago e João Paulo, em geral, a toda minha família, que contribuíram de alguma forma para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje e por serem o meu primeiro contato com o amor.

Ao meu melhor amigo e parceiro neste trabalho, Thiago Gabriel, que foi um verdadeiro achado, um ombro amigo quando precisei e corajoso o suficiente pra embarcar nesta pesquisa comigo. Você foi, e é, pra mim, mais do que eu poderia imaginar.

Ao meu companheiro, entusiasta do meu sucesso e meu maior fã, Murillo César, que não me deixou desanimar quando eu mesma não acreditei que conseguiria prosseguir. E que compartilha comigo todos os dias as semioses do amor.

Eu, Thiago, agradeço imensamente aos meus pais, Paulo e Katya, que proporcionaram um lar e estrutura para que eu crescesse o homem que sou hoje. À minha irmã, que espero ter despertado a paixão pela educação e conhecimento. Que esse momento se repita com você!

Agradeço à minha melhor amiga e grande parceira neste trabalho, Maria Júlia, que sempre mostrou a sua força e garra por aquilo que acredita necessário no mundo. Muito além da faculdade, você é uma amizade que eu quero para a vida.

Por fim, a pessoa mais importante para mim nesses últimos seis anos, minha amiga, companheira, namorada e agora noiva, Grazielle. O seu amor me fez aprender que tudo era possível e que as fases ruins eram apenas fases. Você é a mulher que me ensinou a acreditar em mim, no processo e na gente. Serei eternamente seu, espero que seja eternamente minha.

“Slap no flap na tcheca. Splash afogando
meu pau na xereca. Rocket poc, ploc, ploc,
ploc, pula ni perereca”

(MC Laranjinha)

RESUMO

Este trabalho discute sobre a relevância do funk enquanto gênero musical e um fenômeno identitário que vem ganhando cada vez mais espaço e visibilidade. À medida em que discussões acerca de sua origem, influência e suas características ganham força, cada vez menos o funk é alvo de estigmas, de preconceitos e de censura por parte de quem passa a reconhecer sua notoriedade. Este trabalho argumenta que a importância do funk não se resume apenas à música como uma forma de entretenimento, mas também a uma forma de resistência tida, muitas vezes, como a única saída para a obtenção de melhores condições de vida longe da pobreza e do crime que cerca uma população marginalizada e apagada pelo Estado. A ilusão de que não existe cultura no funk baseia-se em uma concepção de cultura importada, que ignora a arte produzida e consumida no e para o Brasil, o mesmo pode ser aplicado ao conceito da arte e do belo. Neste trabalho, são apresentados exemplos de letras de músicas em contraposição com obras literárias, bem como projetos iniciados a partir da vivência do funk como um estilo de vida, acima de músicas e composições. Por fim, uma proposta metodológica é apresentada para exemplificar que o funk pode ser um grande aliado à prática docente, visto que é um dos gêneros musicais que mais está presente no gosto dos alunos, seja do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio. A proposta apresentada objetiva integrar o funk e o estudo de literatura em sala de aula, universos que parecem distantes para um olhar desatento.

Palavras-chave: funk; ensino de literatura; sociolinguística.

ABSTRACT

This research discusses about the relevance of funk as a music genre and identity phenomenon that is gaining more visibility and cultural space. As the discussion about its origin, characteristics and influence gains strength, funk is less and less the target of stigmas, prejudices, and censorship. This work argues about that the importance of funk is not limited only to music, but also as a form of resistance, which is often the only way to acquire a better living condition, away from poverty and crime. The illusion that there is no culture in funk is based on the conception that culture is imported, disregarding the art whose made and consumed in Brazil, this concept can also be applied to art and beauty. Examples of lyrics are presented counterpoised to literary works, as well as projects started from funk as a lifestyle, beyond music and compositions. Lastly, an example of a methodological proposal is presented whose aims is to integrate funk, an ever-growing musical genre among young people, with the study of literature in the classroom.

Keywords: funk; teaching of literature; sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Simulado do Enem	42
Figura 2 – Dom Casmurro	43
Figura 3 – O Anjo Caído	44
Figura 4 – O Quebrada Caído	44
Figura 5 – Abaporu	44
Figura 6 – Quebrada Abaporu	45
Figura 7 – Mandraka	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNK: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS.....	13
3 FUNK SOB O VIÉS DA SOCIOLINGUÍSTICA	16
3.1 Linguagem	17
3.2 Identidade	19
3.3 Cultura.....	22
4 FUNK NA LITERATURA.....	27
4.1 Semana De Arte Moderna	29
4.2 Literatura Marginal	31
4.3 O funk é arte?	35
4.4 Conceito de cânone	37
5 FUNK NA CONTEMPORANEIDADE: FUNKEIROS CULTS.....	42
6 FUNK NA LITERATURA: PROPOSTAS METODOLÓGICAS.....	46
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O funk enquanto fenômeno cultural e produto musical é fonte de discussão desde a sua origem. Nascido como música negra na década de 1960, nos Estados Unidos, sua maior influência foi o *soul music*, o *R&B* e o *jazz*. A comum associação do funk com a criminalidade, depravação e exposição sexual costuma ser a fonte das críticas que, muitas vezes, ocorrem no dia a dia e em alguns meios de comunicação.

Hoje em dia, é comum observar a extensão que o funk alcançou no público juvenil. Com os avanços da tecnologia e a democratização do acesso à *internet* e *smartphones*, o gênero musical alcançou novos públicos e foi se alterando para satisfazer às necessidades mercadológicas. Redes sociais popularizaram as “*trends*” e “passinhos”, expandindo o gênero para um público muito mais abrangente e de classe socioeconômica mais elevada.

Enquanto na história e nas teorias filosóficas se observa uma relação de estranhamento entre arte e mercado, a expansão do funk como produto comercial apresentou resultados interessantes. O fenômeno da homogeneização, fruto da indústria cultural, não foi algo que dominou o gênero musical, pelo contrário, estabeleceu novos formatos, estilos e conteúdo para a música.

No que diz respeito à literatura, nem todas as obras premiadas conhecidas tiveram sucesso em seu lançamento. Personalidades como Edgar Allan Poe, Franz Kafka e Lima Barreto só alcançaram a fama póstuma. Até mesmo escritores renomados já tiveram suas obras estigmatizadas e diminuídas, e este trabalho visa estabelecer uma relação direta entre a literatura e o fenômeno cultural do funk, que é marginalizado por sua linguagem, contexto e seu conteúdo.

A escolha do tema se deu por meio da autoidentificação com o gênero musical e seu contexto de criação. Apesar de ser visto como “acultural” e imoral, as letras das músicas contemplam uma realidade ignorada: a realidade dos morros, das favelas, dos conjuntos habitacionais e a ambição que jovens nascidos dentro desses ambientes possuem e espelham em suas músicas e composições.

A arte e a literatura visam imitar o mundo real. Sendo assim, as letras contemplam nada mais do que a vida e o cotidiano de quem muitas vezes não tem acesso à educação, moradia própria, saneamento básico e, ainda, o direito de sonhar e buscar uma melhor condição de vida para si e sua família. Esses elementos fazem

parte do gênero musical, bem como a realidade do crime organizado, bailes de favela, uso de drogas, o chamado “funk ostentação”, entre outros.

2 FUNK: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS

Estabelecer a origem do funk no Brasil não é um processo tão claro ou direto como de antemão se pode imaginar. Há muitas pesquisas que se debruçam sobre esse assunto, mas para o escopo deste trabalho, o enfoque será na pesquisa antropológica de Hermano Vianna, seu livro “O Mundo Funk Carioca”.

O gênero funk nos Estados Unidos tem sua origem na cultura afro-americana, advinda do longo processo de escravização que ocorreu nesse país. Esse processo fez com que se criasse uma ampla cultura negra, restrita às periferias e, nos tempos mais longínquos, às *plantations*. Considerando esse contexto, o funk inicia a sua jornada a partir do gênero *soul*, uma fusão do *rythim and blues* com o *gospel* (DAYRELL, 2001).

O *soul* se propagou pela nação ao longo dos anos e, conseqüentemente, passou pelo processo de massificação, se tornando um sinônimo genérico de “*black music*”. Mas antes de o *soul* se tornar um produto amplamente comercial, ele foi trilha sonora de vários movimentos civis e símbolo da consciência negra norte-americana. Com isso, na tentativa de recuperar a autenticidade revolucionária do gênero musical, surge o *funky*:

Foi nessa época que a gíria funky (segundo o Webster Dictionary, “foul-smelling; offensive”) deixou de ter um significado pejorativo, quase o de um palavrão, e começou a ser um símbolo do orgulho negro. Tudo pode ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma forma de tocar música que ficou conhecida como funk. (VIANNA, 1988, p. 15)

Percebe-se que a concepção do *funky* não está limitada apenas ao movimento musical, mas, na realidade, engloba um extenso movimento cultural que inclui uma maneira de se vestir, bairros, jeito de andar e, por fim, o foco deste trabalho, a nova forma de tocar música que ficou conhecida como funk.

No Rio de Janeiro, o funk dominava as pistas de dança nos Bailes da Zona Sul, realizado aos domingos, no início dos anos 70. Esses bailes eram frequentados por pessoas das mais diversas regiões, mas, com o tempo, o baile foi se deslocando da Zona Sul para a Zona Norte, sempre acompanhado da legião fiel de dançarinos. Além do público heterogêneo, a programação musical também era eclética, composta por rock e pop, mas sem esconder a preferência pelo *soul* (VIANNA, 1988).

Esses álbuns denominados soul no Brasil, não possuíam a mesma denominação em seu país de origem, os Estados Unidos. Por lá, já era usual chamá-los de funk. Naquele período, o acesso à informação apurada sobre lançamentos não era algo fácil e inclusive era motivo de competição, sendo usado até como moeda de troca entre as equipes de som:

Mas os discos “de balanço” eram artigos extremamente raros. Até a informação sobre os últimos lançamentos era difícil de conseguir, tanto que os discotecários cariocas continuavam a chamar aquela música de soul, quando funk era a palavra usual nos Estados Unidos. Quem conseguia um bom disco rasgava o rótulo para torná-lo um artigo exclusivo de determinada equipe. Essa é uma prática comum entre discotecários de países periféricos aos centros de produção musical. Uma equipe só trocava o nome de uma música de sucesso pela informação de outro nome ou até mesmo por discos. (VIANNA, 1988, p. 20)

Por um período, os bailes representaram o surgimento de um movimento negro carioca, um jeito de vestir próprio foi surgindo, o cabelo afro e as calças de boca larga tornaram-se comuns aos frequentadores dessas festas. Com o passar do tempo, porém, o que era diversão e conscientização passou a ser lucro, virou disco, tentou alcançar um sucesso comercial, mas não encontrou os resultados esperados pelas gravadoras:

A sonoridade dos arranjos nacionais, com exceção dos de Tim Maia, não agradou aos dançarinos cariocas. As gravadoras foram pouco a pouco deixando o Black Rio de lado, argumentando que, se existe um bom público de funk no Brasil, ele não tem “poder aquisitivo” suficiente para comprar discos. (VIANNA, 1988, p. 25).

Já no meio dos anos 80, o cenário idealista do baile da época de 70 dava espaço para novas tendências e ideias. Com o tempo, a temática do orgulho negro, herdada do soul, deixou de ser tão presente e a festa com músicas de ritmos marcados e danças tornou-se um fim em si mesmo, banhou-se em inovação e abraçou outros gêneros emergentes da cultura americana como o hip-hop e o rock.

Ainda que inspirado no que acontecia nos Estados Unidos, o funk carioca nunca foi uma cópia direta de músicas e estilos. É natural que a arte se assimile aos contextos e particularidades em que ela é realizada e isso pode ser observado quando se estuda o processo histórico que originou o funk que é conhecido e ouvido hoje em dia.

Quando os fenômenos e as épocas iniciais do funk em terras brasileiras se tornam o objeto de estudo, é perceptível uma grande diferença com a música e com o estilo que é chamado de funk atualmente. Talvez isso ocorra pelo fato da popularização nas grandes capitais e outras regiões do Brasil ser algo muito mais recente e, por consequência, muito mais distante de sua origem carioca na década de 70 e 80.

Nesse pequeno recorte histórico já é possível identificar diversas evoluções e redescobrimientos, limitados em sua época pela dificuldade de divulgação e acesso à informação, que precisam elevar a visão. Se a cultura, mesmo com essas limitações, foi capaz de evoluir tanto, por que ela não iria continuar se expandindo de maneira exponencial na era da informação?

Os desdobramentos sociais causados pelo funk são resultados diretos da expansão das tecnologias de informação. Se antes era necessário um set de pick-ups para mixar músicas, hoje isso pode ser feito em um celular. Se os álbuns precisavam ser importados por preços abusivos, hoje eles podem ser encontrados em minutos nas plataformas digitais. Todos esses aspectos também colaboram para a possibilidade de expressão criativa por meio da produção musical, democratizando o seu acesso para o público geral.

Por fim, se o funk está presente nos mais diversos ambientes, incluindo a escola, talvez seja hora de repensar a sua posição como música indecente ou sinônimo de uma “cultura inculta”, isso quando considerado cultura. Aqui, abre-se a sugestão para um questionamento mais profundo sobre o que é o funk e a sua potência literária disseminada a partir de semioses múltiplas.

3 FUNK SOB O VIÉS DA SOCIOLINGUÍSTICA

O estudo da Sociolinguística como uma ciência autônoma e interdisciplinar teve início em meados do século XX, mas alguns autores já teorizavam acerca do contexto sociocultural e da comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas (BORTONI-RICARDO, 2014).

Embora seja uma ciência relativamente nova, a Linguística tem ganhado cada vez mais espaço dentro de salas de aulas, como temática de pesquisas e na formação de professores de Língua Portuguesa. Para que a compreensão a respeito do estudo realizado seja plena, serão definidos dois conceitos: linguística e sociolinguística.

A Linguística é o estudo da língua, gramática, linguagem verbal e escrita e a evolução de um idioma, bem como expressões idiomáticas, variações regionais e modificações da língua ao longo do tempo (OBSERVATÓRIO JUVENTUDE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2023). A Sociolinguística, por sua vez, é o “estudo da língua em uso real, levando em consideração a relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (BORIN, 2010).

O estudo da Sociolinguística considera cada variação linguística sem manifestar juízo de valor sobre elas, apenas estuda seus efeitos, causas e origens. Se a fala é o reflexo do falante, é possível identificar que o eu lírico presente nas composições é o reflexo de seu compositor. As letras repletas de gírias, dialetos e jargões são duramente criticadas pelo desvio à norma de prestígio.

Tendo essas definições como base, é possível identificar que as letras das músicas e a estética dos videoclipes possuem grande importância. A origem do funk e a forma com que vem sendo escrito, consumido e produzido fazem parte de um processo de autoconhecimento, autoconfirmação e resistência dos funkeiros que buscam na música uma vida melhor não apenas para si, mas para todos que possuem a mesma origem desfavorecida.

Não é possível analisar as composições sem levar em conta quem compõe, quem canta, quem produz e o público-alvo da música. Muitas vezes, um artista não lança uma música pensando na mídia, na divulgação e no dinheiro que aquele trabalho pode conquistar, mas foca-se em quem será atingido pela letra, visando passar uma mensagem:

Essa daqui não foi feita pra se comunicar
 Com as plataforma digital esperando estourar
 Essa foi pra se comunicar com as crianças
 Que destrinchando a minha quebrada
 Ainda vejo uma população que trabalha
 Não vê recompensa e só cansa
 Descendo mais eu vejo a pista lotada de carro
 O pó vendendo mais que sal
 Os menor para e pensa
 Mas aê menor é isso que o sistema espera de você
 Por isso bota sua necessidade na balança
 Para e pensa
 Que no meio disso eu tenho uma esperança
 Que eu vejo brilhar no olhar das crianças
 Que elas percebam que só no caminho dos livros
 Existe um caminho pra ficarmos livres dos nossos algoz
 É, enquanto nós estiver vivo
 Elas vão quer ser igual ou mais foda que nós
 (MC HARIEL, 2022b)

A música citada, “Decepção”, de MC Hariel, conta sobre uma realidade vivida nas comunidades e em cenários menos favorecidos, em que há a esperança de uma quebra no “ciclo natural”, para que ninguém precise recorrer ao crime e à ilegalidade, sem se importar com a “viralização” da música, mas evidenciando que seu foco é no seu ouvinte.

É a partir desse viés que serão construídas as análises das letras presentes neste capítulo.

3.1 Linguagem

Para compreender o uso da linguagem utilizada nas músicas de funk, é indispensável a compreensão do que é letramento e como ele se aplica neste trabalho. Segundo Kleiman (2007, p. 4) “os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem”.

Assim como letramento digital, literário, científico, entre outros, a análise da linguagem do funk baseia-se no letramento vernacular local:

Os letramentos vernaculares vêm ao encontro das necessidades da escola contemporânea em desenvolver o ensino voltado para a diversidade cultural e linguística, visto que possibilita o acesso às várias práticas de letramento de maneira ética, crítica, democrática e inclusiva. (MATOS, 2020, p.9)

A partir dessa concepção, a escola precisa desenvolver o ensino e prática das diferentes variações linguísticas. Não para mostrar como ela é incorreta ou imperfeita, mas incluir seus alunos legitimando suas falas, conhecimentos de mundo e, a partir da linguagem do alunado, incluir a norma-padrão para cumprir com o papel do ensino da língua, de forma com que o aluno saiba que ele pode utilizar-se da língua para benefício próprio em diferentes contextos, da maneira que julgar mais adequada.

Além disso, a contextualização da linguagem é essencial para que ela tenha significado para quem fala e para quem ouve. Assim, os multiletramentos no meio acadêmico permitem que os alunos tenham em seu poder as culturas de massa, de sua própria região e do cânone, incluindo-os em contextos reais, como as músicas.

Assim como médicos, diretores de cinema e o mundo da informática, o funk também possui uma linguagem própria. A concepção de linguagem utilizada, segundo o dicionário, é a “maneira particular de se comunicar usada por um grupo específico; jargão: linguagem da rua” (LINGUAGEM, 2023). “Língua”, por sua vez, como “conjunto dos elementos que constituem a linguagem falada ou escrita peculiar a uma coletividade; idioma: a língua portuguesa” (LÍNGUA, 2023).

Uma vez diferenciados e especificados tais conceitos, é possível identificar que cada grupo possui uma forma de se comunicar, bem como gírias, dialetos, gestos e expressões. A linguagem de um grupo compõe a sua identidade, sendo de extrema importância para os que estão inseridos naquele meio, assim como suas roupas, acessórios, penteados, entre outros.

O preconceito linguístico é formado a partir da comparação entre o modelo idealizado da língua, presente em gramáticas normativas, e os modos de falar reais das pessoas que vivem em sociedade – que ainda são diferentes entre si (BAGNO, 2014).

Esse preconceito é um dos estigmas utilizados para diminuir o fenômeno do funk a um gênero musical de baixa importância. O fato de que muitas letras não possuem concordância verbal, de gênero ou de número é usado para criar uma imagem de uma música que é consumida por pessoas de intelecto inferior e, portanto, não merecedor de visibilidade como outros gêneros musicais.

A norma de prestígio, presente em centros urbanos, não é a linguagem utilizada nos meios em que o funk faz parte da cultura e do cotidiano. Como, por exemplo, em periferias e comunidades marginalizadas, logo, não é a forma utilizada

ao falar e, menos ainda, ao compor letras que detalham a vida nesses contextos marginalizados pelo Estado e pela própria sociedade.

Marcos Bagno et al. (2002b) discorre sobre a existência de uma língua que não é praticada. A norma-padrão, também utilizada como pretexto para deslegitimar o funk, é ensinada e cobrada, mas seu uso real é obsoleto:

De nada adianta ensinar uma pessoa a usar o garfo e a faca se ela jamais tiver comida em seu prato para aplicar essas habilidades. De nada adianta, também, ensinar alguém a ler e a escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e de escrita. (BAGNO; GILLES; STUBBS, 2002a, p. 52)

Em outras palavras, as escolas cumprem o seu papel previsto em lei de ensinar o uso e a existência da norma-padrão, mas, mesmo fora do contexto do funk, a utilização não é efetiva pois a norma-padrão não faz parte da língua (BAGNO, 2002a) sendo, portanto, uma utopia o seu uso como um “marcador de qualidade”.

Além da imperfeição gramatical, o uso de palavras de baixo calão, a descrição da realidade do crime e a sexualização também são fatores que contribuem para a depreciação do segmento do funk. A descrição detalhada de uma realidade que não é compreendida ou vivida por quem não está inserido nas comunidades pode soar como rude, grosseira e até como uma apologia à criminalidade.

No entanto, ao contrário do que se pensa, nem todo funk tem como objetivo *glamourizar* essa realidade. Algumas composições têm como objetivo fazer com que essa realidade seja vista e entendida por, muitas vezes, ser a saída para pessoas que estão tentando quebrar o ciclo da pobreza e do papel de vítima do Estado que estão tentando não repetir.

3.2 Identidade

Além de refletir a forma falada do contexto de criação das letras, a linguagem utilizada no funk também é uma questão identitária.

A linguagem utilizada nas letras de funk, além de ser própria daquele contexto, também pode ser utilizada para diferenciar a origem daquela música: cidade, comunidade, produtor, entre outros. Gírias também são comumente utilizadas para se referir a marcas de roupa, acessórios ou um visual característico do cantor:

Embrazo até mais tarde,
 No beat do 2W ela dança
 Me deu liberdade é sem stress
 Devagazin a tropa avança

Rick hitmando nesse beat
 Enquanto elas rebola
 Seja bem-vinda a BH City
 Aqui que o embrazamento mora

E as bebel se joga
 Vai e volta, sarra em mim de novo
 Essas mina quer nós
 Com semblante de criminoso

De peita de time ou lacostado
 De cabelo azul ou de pelo loro
 Hoje ela me quer
 Porque eu sou do bagulho doido

Hoje ela me quer
 Porque eu tô forradão de ouro
 Essas mina quer nós
 Com semblante de criminoso
 (LIFE SONG RECORDS, 2022)

Ao se referir, na segunda linha, ao “beat do 2W”, o MC se refere ao *DJ* que está produzindo a música. Essa é uma estratégia muito comum de identificação da identidade do produtor, uma vez que, ao ouvir a música, fica mais fácil procurá-la em plataformas de *streaming*.

Na segunda estrofe, o MC se apresenta: “Rick hitmando nesse beat [...] seja bem-vinda a BH City”. MC Rick, hoje, é uma das vozes mais influentes do funk de Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte, por isso o uso de “BH City”: ele se apresenta e dá visibilidade ao funk mineiro, que está em ascensão.

Na terceira estrofe do trecho, o MC referencia uma forma de se vestir muito característica do funk: roupas de marca – lacostado, ou seja, vestido com roupas da marca Lacoste – e camisetas (peita) de times de futebol. Além das roupas, outra marca do MC é o cabelo colorido (azul) ou “pelo loro”, forma de se referir ao cabelo louro resultado da descoloração, com o uso de descolorantes, conhecido como “nevou” ou “loiro pivete” nas comunidades.

Ainda, no final do trecho, é evidenciado que o estilo utilizado por esses MCs é visto como algo extremamente positivo. O fato de serem cobiçados pelas mulheres que frequentam bailes-funk por conta do estilo “de criminoso” é uma evidência de que o uso desse estilo característico não só impõe a sua identidade, mas é atrativo mesmo para pessoas de fora do contexto do funk, como as “bebel”.

O termo “bebel”, utilizado pelo MC, é uma gíria que possui diferentes significados a depender de onde ela é falada. No Rio de Janeiro, pode ser alguém que bebe demais; em Belo Horizonte, como no caso da música, é uma mulher bonita.

Mais do que saber o significado daquela gíria, é preciso se atentar ao fato de o MC Rick, autor do trecho, ser de Belo Horizonte para a letra fazer sentido. É por isso, além dos pontos supracitados, que o funk é construído para evidenciar uma identidade, um estilo de vida e a sua origem. Em um funk carioca, por exemplo, é possível identificar outra identidade:

Se quer dar um rolê
 Eu vou te apresentar o melhor baile do Rio de Janeiro
 Tu já sabe qual é
 O Complexo da Penha é um verdadeiro puteiro
 Vamos pra Gaiola, que tá tudo bom
 Bigodin finin, cabelin na régua
 Ela olhou pra mim, eu olhei pra ela, eu falei assim
 Então vem com o Kevin o Chris
 (KEVIN O CHRIS, 2020)

A música acima, escrita por MC Kevin o Chris, apresenta um estilo totalmente diferente do funk mineiro. O MC é natural do Rio de Janeiro e suas composições fazem menção e referência ao estilo carioca dos bailes-funk. O Rio de Janeiro é o berço do funk brasileiro, como já foi dito anteriormente e, ainda hoje, continua com grande influência e MCs de renome nacional e internacional, como Anitta, que iniciou sua carreira no funk.

Na letra, o MC se refere ao Baile da Penha, também conhecido como Baile da Gaiola. É um dos bailes-funk de maior visibilidade na capital carioca, justamente por ser muito mencionado nas letras. Além disso, como visto no trecho anterior a esse, é um costume o MC se identificar na letra: “Então vem com o Kevin o Chris”.

Outro destaque que também pode ser visto nessa letra é o do cabelo – “*cabelin* na régua”, ou seja, cabelo recém-cortado. É muito comum perceber o quanto os MCs são vaidosos com a própria imagem e o cabelo, principalmente para o eu lírico masculino, é um dos principais destinos dessa vaidade, assim como o bigode – conforme visto na música, literalmente customizado para ficar fino.

Além dos funks mineiro e carioca, o funk de São Paulo também assume o seu protagonismo, ainda mais distinto dos anteriores:

Que o Helipa, é baile de favela

Que a Marconi, é baile de favela
 E a São Rafael, é baile de favela
 E os menor preparado pra foder com a xota dela (o vai)
 Eliza Maria, é baile de favela
 Invasão, é baile de favela
 E as casinha, é baile de favela
 E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)
 Que o Hebron, é baile de favela
 A bailão, é baile de favela
 E na rua 7? Baile de favela!
 E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)
 (CANAL KONDZILLA, 2015)

Na música acima, escrita por MC João, o MC referencia diversos bailes-funk muito presentes nas comunidades de São Paulo. Geralmente, os bailes carioca e paulista ficam localizados na Zona Norte da capital, áreas conhecidas como menos favorecidas e/ou marginalizadas.

É fato que cada área produz a letra mais adequada para a sua realidade. No entanto, por se tratar do mesmo gênero musical, há várias semelhanças na forma de escrever, no conteúdo, e no teor das letras. O funk chamado de “funk *putaria*”, analisado acima, é apenas um recorte de todo um universo de letras, protestos e o mais importante: de identidade.

3.3 Cultura

Antes de se iniciar o debate sobre o funk ser ou não cultura, é imprescindível debater acerca do que é cultura e sobre quem determina o que é cultura. Sendo assim, é preciso refletir sobre que tipo de cultura está sendo tratada e o porquê desse questionamento sempre retornar à cultura erudita.

Considerando a fala da antropóloga Mylene Mizrahi (2020), o conceito de cultura abordado neste trabalho é atrelado a um processo em permanente movimento e transformação:

Cultura é assim formada por sistemas simbólicos por meios dos quais os indivíduos se entendem no mundo, dão sentido a ele e se fazem humanos, de maneira que não é possível separar suas atribuições de sentido do modo como engendram suas vidas. Cultura não é assim algo que pode ser controlado. (MIZRAHI, 2020, p. 48)

Partindo desse princípio, é possível concluir que cultura também é uma questão de identificação, dependendo exclusivamente de quem a consome. É comum

encontrar opiniões conservadoras sobre as mudanças culturais que o advento da *internet* trouxe, além de mudanças sociais inevitáveis.

Tal conservadorismo pode ser observado quando são discutidas as mudanças da língua falada nos últimos anos. Sempre há defensores dos bons costumes e do modo tradicional, mas, ao que parece, essa perseguição é sempre mais frenética ao se tratar da cultura menos valorizada e erudita, conforme argumentou Bruno Ramos em audiência pública no Distrito Federal que debatia sobre a proibição do ritmo funk, em setembro de 2017.

Ramos, na audiência, estava representando a Secretaria Nacional da Juventude. Ele argumentou que “teve a perseguição do samba, da capoeira. Aconteceu até com o movimento hip-hop na década de 1980. Isso ocorre com tudo o que é de origem africana”. Afinal, não há um membro que defina o que é uma cultura valiosa, ou mesmo o que significa ser valioso dentro de um tema tão amplo e abstrato.

É inegável que exista extrema vagueza na discussão sobre a conceituação do que é cultura. Contudo, utilizando-se do conceito estipulado por Mizrahi, o incômodo causado pelo funk perpassa uma questão social e, sobretudo, racial. Como afirma a autora em seu artigo: “um tal modo de o racismo operar que não o torna explícito. Recorre, outrossim, a subterfúgios para silenciosamente se expressar, com efeitos nem por isso menos perversos ou menos eficazes” (MIZRAHI, 2020, p. 49).

Abordando o funk como um movimento cultural, é inegável a sua imponência. O funk é o gênero musical mais ouvido entre os estrangeiros, segundo matéria publicada por Brêda e Mariani, pelo Datafolha, em 2019: o hit “Bum Bum Tam Tam”, lançado em 2017, pelo MC Fioti, foi a primeira música brasileira a alcançar mais de 1 bilhão de visualizações no canal do *YouTube*.

Além disso, a matéria ainda traz dados que evidenciam que o funk é o único gênero brasileiro que, da mesma forma que é escutado no país, alcança sucesso internacional. Embora o sertanejo seja o gênero musical mais ouvido no Brasil, apenas o funk tem alcance mundial.

Independentemente de a resistência com o funk ser grande, artistas como Ludmilla e Anitta, conquistaram carreira internacional depois de alcançarem visibilidade por meio do funk. Tal visibilidade só foi possível por conta da cultura construída pelo funk, além da identidade adotada pelos grupos sociais que consomem esse ritmo.

Adotando o conceito de cultura proposto pelo dicionário, é possível identificar o termo *cultura* como um conjunto das estruturas sociais, religiosas etc., das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade [...] (CULTURA, 2023).

Um exemplo de como a cultura do funk vem se expandindo é o hit de Amilcka e Chocolate, que até hoje faz muito sucesso. A música intitulada de “Som de Preto” faz uma alusão ao fato de que, mesmo advindo de um contexto marginalizado, ridicularizado e oprimido pelo racismo, o funk faz sucesso em qualquer lugar e é consumido por qualquer um, independente de gênero, idade, condição social, raça, entre outros:

É som de preto
De favelado (demorô)
Mas quando toca
Ninguém fica parado

O nosso som não tem idade
Não vê raça e nem vê cor
Mas a sociedade
Pra gente não dá valor

Só querem nos criticar
Pensam que somos animais
Se existia o lado ruim
Hoje não existe mais

Porque o funkeiro de hoje em dia
Caiu na real
Essa história de porrada
Isso é coisa banal

Agora pare e pense
Se liga na resposta
Se ontem foi a tempestade
Hoje vira a bonança
(SOMDOFUNK, 2009)

Além da música de Amilcka e Chocolate, “Rap da Felicidade”, de Cidinho e Doca, é outra música que fez e faz muito sucesso onde toca até hoje. Embora seja intitulada de rap, a música faz parte do gênero funk:

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Fé em Deus, DJ
[...]
Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer

Com tanta violência eu sinto medo de viver
 Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
 A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
 Eu faço uma oração para uma santa protetora
 Mas sou interrompido à tiros de metralhadora
 Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
 O pobre é humilhado, esculachado na favela
 Já não aguento mais essa onda de violência
 Só peço a autoridade um pouco mais de competência
 (DJ MARLBORO, 2017)

A letra ainda faz uma denúncia à vida marginalizada na favela:

Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
 Só vejo paisagem muito linda e muito bela
 Quem vai pro exterior da favela sente saudade
 O gringo vem aqui e não conhece a realidade
 Vai pra zona sul pra conhecer água de coco
 E o pobre na favela, passando sufoco
 (DJ MARLBORO, 2017)

A letra, por si só, já evidencia que a meta do eu lírico é a felicidade, além de poder sentir orgulho de sua origem, sua raiz e sua cultura. Além disso, há uma crítica sobre a forma que o funk e a favela são vistos, bem como a forma que o pobre é visto. Isso também fica evidente na música “Não é Conselho é Visão”. O próprio nome já evidencia o tom crítico da composição.

Em forma de dialeto, o termo “visão” refere-se à expressão “pegar a visão”, que significa “ficar atento”, “prestar atenção”:

Girei o globo, fui na terra dos boy
 E vi que eles faz fumaça igual favela
 Mas a parcela de bandido cai pra nós
 E que se foda os falador, sou mais a nossa atmosfera
 Manera!
 Porque aqui nós fuma com os amigo, joga no coletivo
 E quando cai levanta, vai pra luta
 Porém, eles fecha com os inimigo, fuma pra dar sorriso
 E quando a brisa bate vira puta

Tá aí a diferença entre os loucos e os doidos
 Quem tem seu berço e quem viveu superação
 Os de verdade quero ao lado e reconheço
 Bate palma, mais respeito, esse é o time de monstrão
 -Pega a visão porra!
 (GR6 EXPLODE, 2016)

Na música, o eu lírico fala sobre o vício e em como isso tem afetado a sua vida. No trecho, ele evidencia a diferença entre quem está à margem e quem é

privilegiado pelo dinheiro, chamados de “boy” – termo advindo de “playboy” – e bons contatos, no trecho “quem tem seu berço”. A nomenclatura de bandido é atribuída aos menos favorecidos, mesmo que ambos tenham o mesmo comportamento.

4 FUNK NA LITERATURA

Reconhecer as múltiplas faces do funk requer, antes de tudo, uma quebra de paradigmas comumente associados ao gênero musical, como a criminalidade, vulgaridade e a falta de aspectos que possam ser valorizados dentro dos padrões de prestígio das sociedades conservadoras e estruturalmente racistas. Se ainda é possível encontrar discursos retrógrados que questionam se o funk é cultura, como discutir algo ainda mais profundo: o funk é literatura?

Sobre essa ótica de questionamento e investigação, talvez o correto seja perguntar qual é o papel do funk para a literatura. Considerar o funk como fenômeno individual, digno de categoria própria dentro do mundo da música, sugere eliminar qualquer pretensão de ser elaborado como literatura, ainda que suas letras possam se aproximar de formas literárias prestigiadas, como o poema:

Quanto à forma de composição, pode-se afirmar que o tema em estudo diz respeito ao gênero multimodal musicalmente classificado como gênero canção funk e, textualmente falando, como letra de canção, estando envolvidos os elementos acabamento musical harmônico, melódico e rítmico. O funk, entendido como uma modalidade do gênero canção (um gênero híbrido de caráter intersemiótico), aproxima-se do poema, por ser dotado de versos, com métrica (adequada ao ritmo) e rima. (SILVA; ALVES, 2018, p. 13).

Portanto, o funk passa a ser observado como um “cativador literário”, uma interface entre o musical e aquilo que tradicionalmente se entende como literatura, por meio da análise e composição de letras e músicas para transformar o jovem ouvinte em um sujeito autor, capaz de expressar e analisar criticamente os discursos explícitos e implícitos nas artes que aprecia, sejam elas sonoras ou escritas.

Na temática musical, é possível observar como o advento das mídias auditivas proporcionaram uma revolução para a sociedade brasileira nos anos 30:

No contexto do Brasil, é preciso levar em consideração a importância das primeiras mídias auditivas, principalmente o rádio, na veiculação não só de notícias, mas também como um grande (e, antigamente, o único) difusor cultural popular, fenômeno que ocorreu principalmente após a década de 1930, atingindo com maior alcance as classes menos abastadas após o término da Segunda Guerra Mundial. Essa relevância às vezes é desconsiderada, porém é essencial para entender como o sistema de radiodifusão e as músicas educaram muitas gerações, sendo esse veículo extremamente central para a comunicação e informação em um “país de analfabetos”, estando, assim, ligadas diretamente a questões que permeiam o uso da oralidade na educação. (TORRES; BENVENUTI, 2020, p. 5).

Atualmente, o rádio não é algo comumente associado aos jovens, principalmente com a expansão e democratização das tecnologias móveis, como os *smartphones* e a *internet*, que realizam um papel semelhante às rádios. Diante desse mercado, diversas plataformas de *streaming* tomaram conta da divulgação musical em escala global, além de proporcionarem um novo palco para que novos trabalhos musicais sejam divulgados em uma rede vasta de usuários. Essas e outras ferramentas digitais foram além dos alcances do rádio, atuando como facilitador para que jovens artistas expressassem suas vozes para o mundo de maneira rápida e muitas vezes sem custos.

O docente que se coloca disposto a se adaptar às necessidades de seus discentes diante à modernidade precisa estar aberto para o processo de ressignificação e aprendizado, entender que as salas de aula e a juventude contemporânea não são homogêneas. Nos últimos anos, é possível observar a música assumindo um papel de maior relevância na sala de aula e nas pretensões acadêmicas, com a inclusão do álbum *Sobrevivendo ao Inferno*, de Racionais MCs, como leitura obrigatória para o vestibular da Universidade de Campinas (Unicamp). Esse ato inseriu um novo tipo de interação com o literário para aqueles que pretendiam ingressar no ensino superior, fornecendo um novo desafio para o professor, que muitas vezes, se encontra na cobrança de preparar o aluno para uma boa performance nos vestibulares como função principal do Ensino Médio.

É importante considerar que o trabalho com esse tipo de expressão artística, como explicitado ao longo deste trabalho, é uma forma de reconhecer uma cultura silenciada no âmbito escolar, mas que representa uma identidade negra marginalizada que está entrelaçada em um longo passado colonial e, hoje, atua como luta para expressão da cultura negra das comunidades periféricas. Portanto, resgatando o conhecimento sobre leis federais, são encontradas justificativas para essa prática docente que se comunica com a luta contemporânea desses grupos, como a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008, p. 1).

Além de interface, a utilização do funk nas salas de aula é um exercício de reconhecimento e valorização da realidade dos jovens. Reconhecer que o indivíduo possui cultura, saberes e preferências estéticas e que isso é valorizado pela escola aproxima tanto o aluno quanto o docente de uma posição questionadora, que procura romper com o discurso de verdade inserido pelos livros didáticos e obras que muitas vezes parecem distante da realidade do aluno:

A leitura ainda é vista, muitas vezes, em âmbito escolar, como um ato individual do leitor para que se aprenda conteúdos, sem que se conclua que a leitura é um bem social que o aluno agrega, antes de tudo. Na escola, ainda persiste a ideia do que seja uma boa e uma má leitura. Nesse sentido, a leitura dos clássicos, considerada como literatura de prestígio, por exemplo, sempre foi “empurrada de goela a baixo” pelos programas conteudistas das grades curriculares sem um trabalho que justifique e responda, de maneira clara, sobre os porquês de aquela obra ser adotada para os alunos (vão ler porque está no programa). (SILVA; ALVES, 2018, p. 17).

É necessário ressaltar que o intuito não é anular a literatura clássica por meio de críticas a sua complexidade ou afastamento da realidade dos discentes, colocando-a como algo ultrapassado ou desnecessário para o jovem atual. A ideia principal é questionar os meios, propor novas formas de trabalhar as obras prestigiadas e de despertar o sujeito leitor que há nos alunos, que é capaz de interagir de maneira entusiástica com o mundo da literatura, mas sem deixar de reconhecer e valorizar toda sua bagagem cultural adquirida fora da escola.

4.1 Semana De Arte Moderna

Refletir sobre valores estéticos e sua ligação com os valores morais de uma sociedade é algo que pode ser investigado em um trabalho próprio e provavelmente muito longo. Mas para estabelecer um ponto de referência para este estudo, é possível olhar para um dos momentos mais importantes para a Arte no Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922.

Como provado pela história, a Semana de 22 foi um marco importante para revolução artística e literária no Brasil, abrindo novos horizontes para o que seria apreciado e consumido de maneira estética nas décadas seguintes. Sua abrangência e rebeldia não tocaram apenas o mundo das artes plásticas, mas também expôs a realidade cultural brasileira em busca de uma identidade genuína, oposta ao eurocentrismo, ainda que influenciado nas vanguardas europeias:

[...] o objetivo da Semana é renovar o estagnado ambiente artístico e cultural de São Paulo e do país. Acentua-se a necessidade de “descobrir” ou “redescobrir” o Brasil, repensando-o de modo a desvinculá-lo, esteticamente, das amarras que ainda o prendem à Europa. (AJZENBERG, 2022, p. 2)

Apesar de importante aos olhos contemporâneos, a Semana foi amplamente criticada e deslegitimada em sua época, sendo alvo de análise até os dias de hoje. A relação de influência jornalística dos participantes e o financiamento pelas elites paulista geraram frutos para debate, bem como o uso tardio dos símbolos modernistas durante o Governo Militar.

Ainda que esses pontos sejam importantes para uma análise mais crítica da Semana, o foco será a renovação estética e a quebra com o cânone:

As comemorações do centenário da Independência do Brasil incentivam um grupo inquieto diante das possibilidades de traçar um perfil mais livre, com a quebra de cânones que impedem a renovação da criatividade artística. As ideias começam a tomar corpo com os debates e discussões em torno da exposição de Anita Malfatti em 1917/18. (AJZENBERG, 2022, p. 2)

O cânone não aparece como algo que resplandece perfeição e estética imaculada para a arte, mas uma amarra para a criatividade e expressão legítima dos artistas.

Transportando essas noções, há uma ligação entre quebra do academicismo gerado pela Semana de 1922 com o funk que é conhecido hoje, expoente artístico da identidade brasileira periférica e realidade para milhões de pessoas:

A chamada “comunidade funk” tem hoje cerca de 10 milhões de brasileiros com mais de 16 anos, a maior parte das classes C e D. Pelo menos 77% ouvem funk diariamente e 50% comparecem a um baile do gênero ao menos uma vez por mês. (MEIRELLES, 2014, p. 104)

Ignorar tamanha dimensão em prol de uma visão puritana e elitista que promove a remoção das artes periféricas das esferas sociais e de comunicação como as rádios, novelas, comemorações e até mesmo as escolas, é silenciar uma realidade viva e expressiva do Brasil.

Para fomentar o argumento, basta olhar para a comemoração do Centenário da Semana de 1922, realizada na programação “Modernismo Hoje”, na

zona leste de São Paulo (MORAES; LEWER, 2022). O Concerto Modernista incorporou funk e hip-hop às composições clássicas de Villa-Lobos, expandido as noções sobre o papel do funk e sua ligação com o Modernismo.

Ao se pensar no funk, deve-se considerar sua complexa interação com os diferentes mecanismos sociais que regem as noções abstratas de Valor, Cultura e Beleza. Portanto, ao analisar as ramificações da Semana de Arte Moderna, é notável como o funk é fruto proveitoso da liberdade artística proporcionada pelos Modernistas, representando uma grande parcela muitas vezes silenciada da sociedade contemporânea brasileira.

4.2 Literatura Marginal

Com o Modernismo no Brasil, a identidade brasileira foi sendo cada vez mais construída e valorizada. A busca por algo que fosse novo e moderno instigou diversos artistas a debruçar-se em uma arte de ruptura com o estilo artístico advindo da Europa que já estava consolidado e vinha sendo reproduzido por artistas brasileiros.

Oswald de Andrade, um dos principais nomes do movimento no Brasil, defendeu o movimento contrariando os valores da burguesia, defendendo uma nova forma de fazer e consumir arte. Oswald, em suas criações, criticou a colonização do Brasil, defendeu a forma popular de falar e criticou o preconceito linguístico antes mesmo da criação desse termo:

Pronominais
 Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro
 (ANDRADE, 1972, p. 125)

A Semana de Arte Moderna, de 1922, foi um grande marco na forma de fazer e consumir arte. Seja em forma de literatura, pintura ou drama, a Semana deixou um grande legado e o pontapé inicial para o Modernismo no Brasil: a arte produzida tinha a função de chocar a quem a consumia.

Em 1917, Monteiro Lobato redigiu um artigo sobre a exposição de Anita Malfatti, grande artista brasileira. Malfatti recebeu críticas negativas do autor, que descreveu a sua arte como “anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação”. (ESTADÃO, 2022).

Ainda em seu artigo, Lobato descreveu, com sua visão limitada, as artes como “regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude” (ESTADÃO, 2022). Com a quebra de paradigmas estabelecida pela Semana de Arte Moderna, o Brasil pôde ver, experimentar e produzir outro tipo de arte: a própria.

Carentes de identidade, o Modernismo trouxe aos artistas brasileiros outros paradigmas. Rompendo com a arte tradicional, a exposição de Malfatti foi precursora do movimento Moderno no Brasil, que mais tarde teria seu merecido reconhecimento. O fato é que Anita inspirou a mudança que o Brasil precisava. Mudança, esta, a quem se deve a nova forma de arte.

O termo “literatura marginal” foi cunhado pelo escritor Ferréz, com o intuito de dissociar a cena periférica do movimento poético da década de 70 (BARROS, 2023). Devido à forma independente de divulgação das obras, os autores realizavam cópias de suas obras com o auxílio de mimeógrafos (SOUZA, 2023). O termo “marginal”, antes visto como sinônimo de bandidagem, foi ressignificado ao longo do tempo, sendo uma forma de resistência para a arte produzida atualmente.

Ferréz, um dos grandes nomes da literatura marginal, em 2005, publicou o livro “Literatura marginal: talentos da escrita periférica”. Em seu prefácio, Ferréz escreve uma espécie de manifesto, intitulado de Terrorismo Literário:

Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca!
 Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral
 agora a gente escreve. [...]
 Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim
 chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar que o povo da
 periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais
 500 anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria
 cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um
 povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERRÉZ, 2005,
 p. 9-11)

Em seu manifesto introdutório, Ferréz resume sabiamente a literatura marginal: a voz de pessoas que foram silenciadas por muito tempo, vozes que tem muito a dizer, muito a denunciar. Vozes que fazem a arte do choque e da resistência.

Vozes, estas, que se encontraram e, hoje, lutam juntas para tornar permanente a representação da quebrada, das comunidades e dos marginais. Artistas que se encontraram no funk, na poesia, nas batalhas de rima, que tiveram a oportunidade de querer mais e se arriscaram pra isso:

Naturalmente
 Nós chega chegando em qualquer ambiente
 Pra qualquer idade (Aham)
 Dentro da nave com vidro aquário
 Por onde nós passa as cachorra late (Vrum)
 Tipo, sonho de consumo
 De natal elas tá pedindo mandrake (Aham)
 Daqueles bem sucedido
 Que anda de nave
 Entope ela só de ice
 Elas quer que fode bem e banca
 Elas quer que leva elas pra lancha (Aham)
 Ela insiste, fica na fila
 Pra poder rodar toda nossa banca
 Seja o DJ, seja o produtor
 O contençação ou o MC
 Ela reage o stories de todos
 Só pra poder falar que já pegou (É nada)
 O que tem na nossa quadrilha:
 Só milionário e maloqueiro
 Elas tá tirando jo-ken-po
 Pra saber quem vai sentar primeiro
 Atleta do corre, nós fez nosso corre
 Mais que merecido o nosso prêmio
 No começo, foi nós
 No processo, foi nós
 Sabe a lei: se eu bolo, eu acendo
 Só preciso de uma chance, tipo Romário na área é gol
 Não teve oportunidade, nas condições era pra ser um perdedor
 E hoje nós, e hoje nós voa dentro da nave de teto
 Chique no banco de couro
 E lá na quebrada nós puxa o bonde
 E volta tocando só os robô novo (Vrum)
 (KYAN, 2023)

Em seu projeto mais recente, Kyan e DJ Mu540, discorrem a respeito de um favelado que venceu, que lutou e conseguiu seu espaço. O álbum, intitulado de *UM Quebrada Inteligente*, por si só, já é um protesto, mas suas letras também desempenham essa função.

A literatura marginal, hoje, é encontrada em batalhas de rima, em letras de músicas, em poesias, livros, entre outros meios de divulgação. Na música, o rap e o funk carregam há alguns anos a função de transmitir e exaltar o que é dito, mas muitas vezes não é ouvido:

Igual naquele funk antigo diz
 Quem pode acabar com a guerra
 Não quer que ela se acabe
 E assim segue
 Passa a visão (passa a visão)
 Em cada favela, milhares de sonhos
 Cada favelado é um universo em crise (universo em crise)
 Memo' em meio à crise, eu vi olhos de ódio
 Nesse olhar de ódio, corações felizes
 E já pensou se eles quisessem ajudar
 Outros com a mala de droga driblando mais que o Neymar
 Correndo da fome e do frio
 Ou dos flagrante', igualzinho o Vinicius Junior
 Sonhando em ganhar uma Champions
 Ano de copa, a gente pinta a rua na favela
 Toda semana, eles chega' lavando ela de sangue
 Se a caravana da morte passar, se esconde dela
 Saia da frente, pa' não vira suspeito a traficante
 Que passa vários aqui e nada muda
 Quando é eleição, eles vem pa' mudar o foco
 Cada região eles transformam em uma disputa
 E os ossos do ofício são sempre os ossos dos nossos
 Mas quem dera o tiro na testa
 Fosse só de informação
 Se tivesse uns livro'
 Dentro daquele avião
 Se eles quisessem memo'
 Ver o bem dessa nação
 Eles não dava' as bomba'
 Pa' ver a destruição
 (GR6 EXPLODE, 2022).

O termo “marginal” foi ressignificado por meio da resistência e da poesia que começou a ser escrita e vista como uma característica do autor e de quem consome. No entanto, a definição para o termo “marginal” se apresentou como uma forma de resistência e protesto, chamando a atenção para as composições que eram produzidas. Galeazzi (2021), para a Revista dos Alunos de Literatura Brasileira – Opiniões – argumenta que:

No contexto político e sociocultural da década de 1960, marcado pela ditadura militar e por seu aparato de opressão, repressão e censura, o marginal pode ser aquele que possui comportamento livre e transgressor, que foge às normas, regras ou leis, sem aceitar as imposições e condicionamentos comportamentais no âmbito político e social, como os militantes. (GALEAZZI, 2021, p. 646)

Com a ressignificação do termo “marginal”, essa literatura hoje tem o poder de transformar dor em arte, uma arte que tem sido cada vez mais difundida, valorizada e tida como um orgulho, algo a ser mostrado e valorizado, como fez Ferréz ao compilar diversos escritores de literatura marginal em seu livro.

Além disso, a popularização da internet e das mídias sociais contribuem para que essa literatura não seja feita apenas de forma escrita, mas também utilizando-se de releituras de obras renomadas, como será apresentado no capítulo 5.

4.3 O funk é arte?

Ao discutir sobre o funk nas diversas esferas sociais em que este se encontra, é comum que surjam alguns questionamentos de pessoas que não compreendem a complexidade desse movimento cultural. Por conta disso, é comum que questionem a legitimidade do funk como arte digna de fruição.

De fato, é interessante pensar no porquê dessa pergunta surgir, já que não é comum que esses questionamentos sejam direcionados a outras formas musicais difundidas e aceitas socialmente, como o sertanejo, que se encontra inserido em uma grande indústria cultural e com fortes interesses políticos por trás de seu discurso de glorificação à agronomia e práticas tradicionais ligadas ao colonialismo, mas que apesar disso, encontra uma posição de prestígio na sociedade.

Portanto, como é comum observar em discussões de legitimação sobre uma forma de expressão cultural, muitas vezes o foco do questionamento não ocorre entorno de um objeto bem definido, mas de uma subjetivação que julga os autores e os espectadores de tal arte. Esse fato é facilmente observado ao pensar nas diversas tentativas de criminalizar e silenciar a cultura do funk na sociedade brasileira, fenômeno extenso que ultrapassa o âmbito desta pesquisa.

Como base para a visão de arte e gosto deste trabalho, serão adotadas as ideias de Kant, fundadas no princípio de que não há uma ciência para o belo, mas apenas uma crítica:

No sentido de definir o que significa arte bela (Schöne Kunst) Kant observa inicialmente que não “[...] há uma ciência do belo, mas somente crítica, nem uma ciência bela, mas somente arte bela.” (KANT, 1995, p. 150). Dito de outra maneira, não é possível realizar uma análise científica da arte bela, pois não seria possível expor por argumentos científicos se “[...] algo deve ser tido por belo ou não”, uma vez que “[...] se o juízo sobre a beleza pertencesse à ciência, ele não seria nenhum juízo do gosto.” (KANT, 1995, p. 150 *apud* CARVALHO, MELONIO, 2018, p. 201)

Essa noção é essencial para compreender que não há uma pretensão em definir o funk como bela arte em critérios objetivos, mas que há uma teoria que

sustenta base para discussões sobre os questionamentos da validade do funk enquanto arte. Para isso, toma-se a seguinte definição de arte, também exposta por Kant:

Só é possível, segundo Kant, denominar arte a produção realizada de forma livre e racional. Mesmo que se realizem “obras” na natureza, como o exemplo das abelhas que constroem suas colmeias, como se parecessem obra de arte, tais seres, contudo, não o fazem de maneira racional e livre (KANT, 1995). Assim, uma obra de arte autêntica é resultante da ação livre e racional dos seres humanos e não uma mera ação mecânica e sem sentido. A arte pressupõe, portanto, liberdade e racionalidade, eis o que Kant (1995) afirma. (KANT, 1995 *apud* CARVALHO, MELONIO, 2018, p. 201)

Sendo assim, o funk pode ser visto como arte, já que segue um processo de ação livre e racional, que parte de uma vontade criativa genuína para expor seus ritmos dionisíacos para o mundo.

Para entender essa discussão ao redor da legitimação do funk como arte, é necessário, primeiro, entender que o funk é um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve corpos, gostos, cultura e identidade:

O funk é espaço de afirmação de múltiplas identidades. Se algumas produções se fazem junto a discursos machistas e misóginos, vemos também as mulheres com suas respostas, mostrando não apenas o poder do feminino, mas operando também em uma lógica própria ao funk, de se fazer por meio da disputa, que opõe também polícia e ladrão, a própria facção e a facção rival, o playboy e o funkeiro, a esposa e a amante. Se o funk é espaço de elaboração de relações de gênero é também espaço de elaboração de subjetividades em um mundo pós-gênero. Dessa perspectiva, não é possível acusar o funk porque não existe um funk. (MIZRAHI, 2020, p. 52)

A presença de certos elementos disfóricos serve de base para aqueles que argumentam contra o funk enquanto fenômeno cultural e artístico, mas essa argumentação se funda em uma tentativa de reduzir o funk a uma singularidade promíscua e criminosa, que ignora sua real complexidade e dinâmica artística.

A necessidade de impor questionamentos e críticas não parece surgir de um lugar de sincera contemplação estética e filosófica, baseada em teorias críticas e bem elaboradas, mas, sim, pela busca de silenciar uma realidade paralela à cultura mais homogênea dos grandes centros urbanos:

O funk, como expressão artística cultural, traduz a sociedade em que vive, fala sobre ela, propõe conversas sobre ela, elabora sobre ela. De modo que junto com esse projeto de apagamento do gosto alheio, de silenciamento de uma estética alternativa ao gosto hegemônico, quer se apagar uma realidade sem ter que reconhecer nela um problema social. (MIZRAHI, 2020, p. 55)

Vale ressaltar que não há uma concepção cristalina sobre o que é belo e apreciável de maneira agradável universal, pois os gostos são distintos e apresentam uma subjetividade que muitas vezes não permeia o campo empírico da racionalidade:

Diferentemente dos conceitos lógicos, como alerta o próprio Kant, o juízo de gosto não requer um acordo unânime de qualquer pessoa. O que nos faz concluir que o juízo de gosto pode não ser partilhado por todos porque não tem caráter lógico e universal, enquanto algo ligado ao objeto da explicação. É preciso atentar para o fato de que Kant também diz que a comunicabilidade do juízo de gosto ocorre mesmo sendo esse algo extremamente subjetivo. (SANTOS, 2008, p. 6)

Portanto, a discordância e a crítica genuína não são vilões do gênero musical funk. O verdadeiro antagonista está no preconceito disfarçado de erudição, defesa da cidadania e dos bons valores sociais/morais, que atacam os sujeitos que diferem da norma social por expressarem suas existências.

É inegável a influência estética que o funk possui sobre a contemporaneidade. Como exposto neste trabalho, o funk permeia espaços distintos, das periferias às salas de aula de centros urbanos nas diversas regiões do Brasil. É perceptível, também, que a argumentação contra o funk não se faz por meio de uma contemplação genuína e despretensiosa da obra, como visto por Kant:

Tendo por base a noção de que o julgamento estético não deve envolver qualquer interesse, acrescido da perspectiva de que não se tem como finalidade comparar o que se contempla com qualquer outro conceito, Kant formula um juízo o qual denominou “juízo estético puro” ou simplesmente “juízo de gosto”. A pureza do ajuizamento, a qual ele se refere, é aquela que advém de um total desinteresse frente ao objeto de contemplação. (SANTOS, 2008, p.6)

Dessa forma, muitas das críticas mais conservadoras encontradas no cotidiano não ocorrem contra a obra, mas contra aquilo e aqueles que a utilizam para afirmarem a sua existência, fugindo do silenciamento histórico imposto por uma sociedade que procura a hegemonia como forma de fechar os olhos para os verdadeiros problemas que afrontam uma noção marcada pela discriminação, violência policial e racismo.

4.4 Conceito de cânone

Ao utilizar o conceito do dicionário, o sentido mais aproximado do que busca este trabalho seria “modo de se comportar; modelo” (CÂNONE, 2023). Atualmente, atribuir o adjetivo “canônico” a uma obra de arte, a uma obra literária ou a uma composição musical significa dar a ela um adesivo de qualidade, utilizando-se da “conotação moral”, conforme Moreira (2003):

Etimologicamente, cânone procede de *canon*, que designava uma vara ou canudo reto de madeira que os carpinteiros usavam para mensurar o espaço de trabalho. No transcurso do tempo, a reguinha passou a significar lei ou norma de conduta, abrangendo em seu sentido uma conotação moral. (MOREIRA, 2003, p. 89).

É possível afirmar, portanto, que itens considerados canônicos são tidos, hoje, como modelo, algo para ser imitado (MOREIRA, 2003).

Considerando alguns autores brasileiros tidos como canônicos, bem como algumas de suas obras, são encontrados os mais diversos temas, assuntos e abordagens, como *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; entre outras obras e autores.

Alguns dos maiores nomes da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade, ficou conhecido, também, pelo erotismo em sua poesia, assim como Hilda Hilst, Caio Fernando Abreu, Augusto dos Anjos e Gregório de Matos. As obras eróticas desses escritores, à época, chocaram seus leitores pelos poemas eróticos e, por vezes, pornográficos:

A FOME E O AMOR
 A um Monstro
 Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta,
 Receando outras mandíbulas a esbanjem,
 Os dentes antropófagos que rangem,
 Antes da refeição sanguinolenta!
 Amor! E a satíriases sedenta,
 Rugindo, enquanto as almas se confrangem,
 Todas as danações sexuais que abrangem
 A apolínica besta famulenta!
 Ambos assim, tragando a ambiência vasta,
 No desembestamento que os arrasta,
 Superexcitadíssimos, os dois
 Representam, no ardor dos seus assomos,
 A alegoria do que outrora fomos
 E a imagem bronca do que inda hoje sois!
 (ANJOS, 1994)

A lírica literária erótica evidencia o desejo carnal, a libertinagem e o des pudor em obras altamente renomadas, difundidas e consideradas eruditas:

Se te pareço noturna e imperfeita
Olha-me de novo. Porque esta noite
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.
E era como se a água
Desejasse

Escapar de sua casa que é o rio
E deslizando apenas, sem tocar a margem.

Te olhei. E há tanto tempo
Entendo que sou terra. Há tanto tempo
Espero
Que o teu corpo de água mais fraterno
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta

Olha-me de novo. Com menos altivez.
E mais atento.
(HILST, 2018)

À época em que foram escritos e publicados, os poemas supracitados foram motivos de reboliços, euforia e tidos como depravação e vulgarização da literatura. Atualmente, porém, é possível que a eroticidade passasse despercebida por olhos desatentos. Assim, da mesma forma, o funk pode ser relativizado e analisado de diferentes perspectivas.

O que, para alguns, é motivo para escárnio e condenação, para outros, reflete o cotidiano, vontades intrínsecas do ser humano ou apenas uma ficção cantada:

Entre um beck e outro me lembrei dela
Perdi várias noites de sono fodendo ela
Mas você sumiu e não ouço
Mais falarem de você
Onde você tá, bebê?
Não sei o que aconteceu
Perdi nossas conversas
Quantas minas eu peguei
Concentrado pensando nela
Mas você sumiu e não ouço
Mais falarem de você
Onde você tá, bebê?!
Que saudade de você
(DOUG FILMES, 2019)

Até mesmo Drummond, um dos mais prestigiados poetas brasileiros, teve sua fase erótica:

A bunda, que engraçada
 A bunda, que engraçada.
 Está sempre sorrindo, nunca é trágica.
 Não lhe importa o que vai
 pela frente do corpo. A bunda basta-se.
 Existe algo mais? Talvez os seios.
 Ora – murmura a bunda – esses garotos
 ainda lhes falta muito que estudar.
 A bunda são duas luas gêmeas
 em rotundo meneio. Anda por si
 na cadência mimosa, no milagre
 de ser duas em uma, plenamente.
 (DRUMMOND, 2001)

Se tudo é arbitrário, como foi definido o que é cânone, o que é arte e o que é cultura?

A liberdade para apreender o valor estético pode surgir do conflito de classes, mas o valor não é exactamente igual a liberdade, mesmo que não consiga ser alcançado fora daquela apreensão. Por definição, o valor estético é engendrado por uma interação entre artistas, um processo de influência que é sempre uma interpretação. (BLOOM, 1994, p. 37)

A julgar por quem detém os poderes de definir o valor de qualquer produção artística, é de se esperar que os funks que perpassam as composições chamadas de “funk consciente” e que apelam para a eroticidade, sejam malvistas e subjugados, mas isso não se deve às letras, mas a quem o produz, quem o consome e ao fato de que o funk não se inclui nos gêneros musicais de prestígio e super financiados por questões políticas.

Não se trata de canonizar o funk, mas de perceber que obras prestigiadas contém o mesmo conteúdo de algumas letras que sofreram uma tentativa de silenciamento e até mesmo de proibição pelo Estado:

Eu 'tava quieto em casa, sem fazer nada
 A minha ex acabou de voltar a ser atual
 Eu que jurei que não voltava (jurei que não voltava)
 Quebrei a cara, surtada
 Não foi o coração que amoleceu
 Ela jogou, sarrou, desceu
 Minha pica endureceu
 Bateu saudade
 Não 'tava nos seus plano e nem nos meus
 De repente, aconteceu
 Aí fodeu
 (MC DON JUAN, 2023)

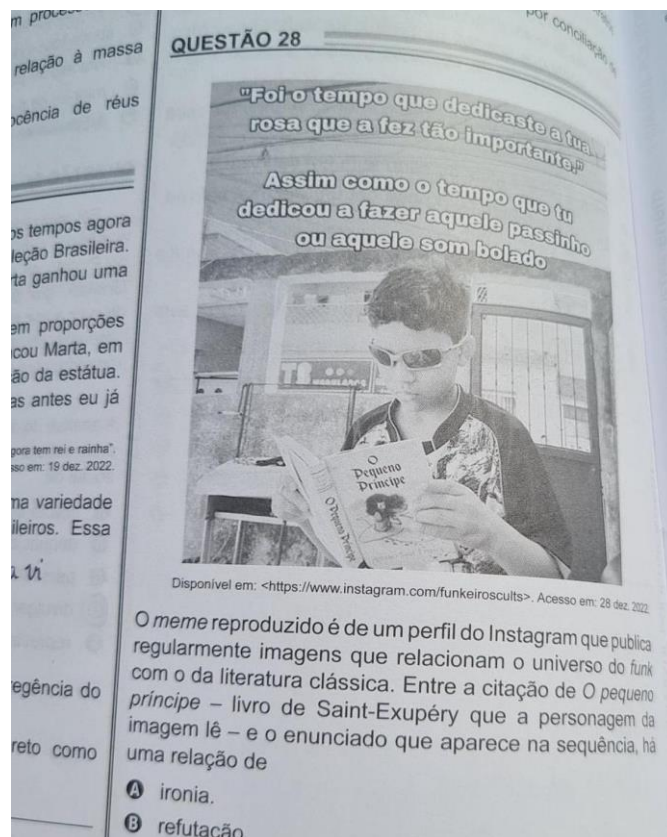
O “funk *putaria*” também pode ser reconhecido pela sua contribuição cultural, mesmo que essa cultura não agrade a quem distribui o selo de culto, de erudito e de canônico.

5 FUNK NA CONTEMPORANEIDADE: FUNKEIROS CULTS

As redes sociais têm o poder de popularizar e dar visibilidade a temas, pessoas, causas e discussões que podem ser de extrema importância, além de agregar conhecimento, repertório e entretenimento. Em relação ao funk, muitos artistas estão sendo reconhecidos e ganhando visibilidade graças a plataformas de músicas e redes sociais, como o *TikTok*, por meio de coreografias e *trends* virais.

No *Instagram*, o perfil Funkeiros Cults ganhou visibilidade realizando releituras de obras clássicas, canônicas e renomadas por meio de breves resumos sobre a temática de tais obras utilizando a linguagem “de quebrada”, ou seja, popular nas comunidades e entre os jovens. O que começou como uma brincadeira e um pequeno projeto, hoje, o perfil conta com mais de 297 mil seguidores na plataforma e tem sido um grande nome em projetos e, até mesmo, com uma de suas artes utilizadas em um simulado do Enem:

Figura 1 – Simulado do Enem



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cto4K6iLmfx/?img_index=1 Instagram

A falta de interesse pela literatura clássica é um problema, mas a sua causa não é apenas por preguiça por parte dos alunos. Por mais que sejam relevantes, as obras previstas no currículo das instituições de ensino podem, muitas vezes, ser desafiadoras para a compreensão dos alunos. A respeito disso, Labov (1969, apud BORTONI-RICARDO, 2014) argumenta:

Os problemas de leitura das crianças do gueto estavam enraizados numa situação de ignorância recíproca: professores e alunos ignorando mutuamente os sistemas linguísticos uns dos outros. (LABOV, 1969 apud BORTONI-RICARDO, 1997, p. 15)

Diante dos desafios encontrados acerca da literatura, o perfil Funkeiros Cults desafia e instiga a quem consome suas publicações a buscarem mais informações sobre os livros citados no perfil, e até mesmo a realizar a leitura para poder entender a releitura ou *meme* que foi criado, é necessário um repertório para que possa fazer sentido e desfrutar do humor e da ironia criados em cada postagem, além de ser uma excelente forma de instigar alunos dentro de sala de aula.

Além do exemplo utilizado na figura 4, retirado de “O Pequeno Príncipe”, há obras brasileiras que foram incorporadas ao projeto:



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CB3mcTIHiK/>

O funk, além de um gênero musical que está em alta, representa um estilo de vida que pode servir de grande aliado no processo de ensino-aprendizagem, a fim de referenciar obras clássicas que os alunos podem não ter conhecimento ou acesso. Os materiais do perfil Funkeiros Cults, não falam apenas sobre livros, mas

fazem referências a obras artísticas, como “O Anjo Caído” de Alexandre Cabanel e “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, em colaboração com a Revista Amarelo:

Figura 3 – O Anjo Caído



Fonte: <https://santhatela.com.br/wp-content/uploads/2017/03/cabanel-anjo-d.jpg>

Figura 4 – O Quebrada Caído



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cu76LncPWdD/?img_index=4

Figura 5 – Abaporu



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B01PLkUA5DL/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Figura 6 – Quebrada Abaporu



Fonte: https://instagram.com/p/Cu76LncPWdD/?img_index=1

Além disso, há a presença de livros feministas:

Figura 7 – Mandraka



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cph-8xiOuWL/?img_index=1

É de extrema importância a identidade visual criada nas obras, com elementos do universo do funk, como óculos de sol, chamados de “lupa”, correntes douradas no pescoço, o bigode fino – já exemplificado no capítulo 3 –, além do estilo dos tênis geralmente utilizados pelos “quebradas”.

Se a literatura é uma representação da realidade, os Funkeiros Cults trazem a realidade do funk para a literatura. Dois mundos que, até então, pareciam nunca poder se encontrar, são unidos pela arte e por quem as consome. É de extrema importância para os discentes se sentirem parte do conteúdo, da realidade, das obras, da cultura. E não aquém a eles.

6 FUNK NA LITERATURA: PROPOSTAS METODOLÓGICAS

Como visto em capítulos anteriores, o funk está inserido em um contexto musical próprio, sem pretensão de ser literatura, mas sua composição é repleta de elementos literários. Portanto, considerando a sua forte influência cultural e presença na vida dos estudantes das mais diversas classes sociais, é possível utilizá-lo como ferramenta pedagógica para letramento textual em sala de aula, conforme apontado no capítulo anterior.

O uso do funk em sala de aula pode parecer controverso quando é considerado o contexto conservador e muitas vezes elitistas que perpassam as práticas do ensino de literatura em algumas escolas, mas existe uma base para justificar o uso desse gênero musical emergente nas competências de linguagens expostas pela BNCC:

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018, p. 64)

Ao considerar as diversas práticas de linguagem como forma de ampliar a participação social e democrática, nota-se que, compreender o funk como uma música de origem periférica que dá voz a sujeitos autores até então silenciados pela parcela prestigiada da sociedade, carrega um propósito enriquecedor para os estudantes que desfrutam de seus expoentes mais ligados à luta de classe e justiça social.

Outro argumento importante para abordar esse tema de maneira fundamentada, é considerar a ideia dos Temas Contemporâneos Transversais, como diz o Currículo Paulista:

[...] as práticas educativas devem promover o aprendizado em torno da realidade vivenciada pelo estudante, por meio dos conhecimentos teoricamente sistematizados, de preferência sobre questões problematizadas a partir do cotidiano em que o jovem está inserido, mobilizando diferentes saberes. (SÃO PAULO, 2019, p. 29)

Com essa noção em vista, o funk pode ser abordado por diversos caminhos, incluindo a realidade do cotidiano do jovem em disciplinas como Língua

Portuguesa, Artes, Geografia e várias outras, já que essa concepção não pertence a uma disciplina específica.

Neste trabalho, será apresentada uma proposta de atividade que pode ser realizada em aulas de Língua Portuguesa, com o intuito de colocar em prática os conceitos apresentados até aqui. É importante lembrar que a prática docente está em constante desenvolvimento e deve ser adaptada de acordo com a realidade de cada sala de aula.

A atividade será fundada em torno de gêneros textuais distintos, trabalhando poesia e música por meio de uma interface entre o canônico e o contemporâneo juvenil. A habilidade da BNCC utilizada para esta aula, direcionada para o Ensino Médio, é:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias. (BRASIL, 2018, p. 492)

Os textos utilizados serão o poema *O Bicho*, de Manuel Bandeira, e a música *Congresso Central*, do MC Hariel. Ambos exploram as condições de vida precárias do ser humano em uma sociedade socialmente fraturada e repleta de violações.

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.
(BANDEIRA, 1986)

O poema de Manuel Bandeira apresenta uma crítica social forte, mesmo escrito nos anos 40, infelizmente, continua atual nos dias de hoje e serve para demonstrar um longo processo de fragilização dos Direitos Humanos no Brasil. Já a

música, apresenta uma ideia semelhante, mas com foco nas realidades periféricas e o sistema estrutural que perpetua um *status quo* de opressão e desigualdade:

Pra viver longe da garra desse sistema assassino
 Que quer nos matar
 Começando pelo sonho
 De viver e evoluir
 Mas como eu vou sonhar
 Se tá caro de comer
 Se eu não tenho onde dormir
 Se amanhã um irmão morrer
 Ou se eles invadir
 Baleando um inocente como que fica isso aí
 Quem que vai nos proteger
 Pra quem nós vai recorrer
 Nós vive a sobreviver
 Queremos evoluir
 (MC HARIEL, 2022a)

A análise entre a música e o poema será realizada dentro da sala de aula, após finalizados os estudos sobre o Modernismo no Brasil, assim, os alunos já terão o embasamento teórico necessário para a realização do projeto. A reprodução da música e do videoclipe no início da aula, por si só, já será responsável por instigar os alunos, visto que esse gênero musical tão popular entre os jovens é quase sempre deixado de lado pelo estigma que o acompanha.

Esse tipo de análise em sala de aula pode ser realizado em diversos momentos, com diversos propósitos educacionais. Mas além de inserir e comunicar que a literatura carrega temas universais e relevantes para a vida do estudante, também permite legitimar os seus interesses estéticos com a inserção de um gênero musical que se encontra isolado do contexto acadêmico e escolar.

Após a reprodução e análise da música, o poema de Manuel Bandeira será lido, analisado e comparado à canção. Neste segundo momento, os alunos poderão escolher qualquer poema de autores do Modernismo, como Oswald de Andrade, Drummond, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, entre outros, para comparar a obra escolhida com a letra de uma música à escolha dos alunos.

Os alunos poderão escolher poemas de cunho social, sobre o cotidiano, o amor, a infância, a vida e a morte, o tempo, ou qualquer outra temática encontrada nas poesias. Além disso, o gênero musical vai depender da afinidade de cada discente, mas a escolha do funk para abrir a atividade serve como uma inspiração, uma possibilidade de unir a preferência pessoal a obras eruditas, tidas muitas vezes

como distantes da realidade particular de cada um, visando estreitar o abismo entre a literatura e a arte musical, independente do gênero, tipo de letra ou tema das poesias.

Com a comparação feita, observando como a realidade dos alunos tem lugar na literatura e escola, eles poderão realizar apresentações, expondo os temas de seus poemas e músicas. Essa análise crítica permite uma observação de problemas sociais e universais, não limitando o aluno ao desconhecido literário, mas criando pontes entre sua vivência e o cânone e valorizando a individualidade e identidade de cada um.

De acordo com a estrutura disponível para o professor, os alunos podem elaborar *podcasts* sobre suas temáticas, discorrendo sobre toda a relação presente entre o modernismo e o contemporâneo. Existe também a possibilidade de seminários, elaboração de cartazes e até mesmo a produção textual de novos poemas ou músicas.

Para além do texto, o trabalho com múltiplas semioses é um elemento fundamental para a formação do jovem na área de Linguagens e suas Tecnologias:

Considerando que uma semiose é um sistema de signos em sua organização própria, é importante que os jovens, ao explorarem as possibilidades expressivas das diversas linguagens, possam realizar reflexões que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses – visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (música, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança). Afinal, muito por efeito das novas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC), os textos e discursos atuais organizam-se de maneira híbrida e multissemiótica, incorporando diferentes sistemas de signos em sua constituição. (BRASIL, 2018, p. 486)

Esse tipo de trabalho é visto como potencializador para uma aprendizagem significativa, que insere linguagens e realidades cotidianas que se comunicam efetivamente com os jovens estudantes, possibilitando maior apropriação técnica e a ampliação do pensamento crítico com a valorização de sua bagagem cultural.

Por fim, o intuito deste capítulo foi apresentar um exemplo, com fundamentações metodológicas modernas, de como o gênero musical funk pode ser inserido em sala de aula. As possibilidades de abordagem são diversas e está na mão do docente a tarefa de como melhor inserir essas atividades de análise, mas não limitado apenas a isso, em suas aulas. O foco principal não é trabalhar o funk como uma ferramenta ou interface para outros conhecimentos, mas legitimar sua presença

e importância na sociedade brasileira e na vida dos mais diversos grupos de jovens presentes nas escolas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o funk enquanto fenômeno social é uma tarefa árdua para qualquer um que se propõe a realizá-la. Até o presente momento, ainda são poucos os trabalhos que tratam do assunto com viés literário, e até mesmo os que tratam sobre sua origem, não contemplam as mudanças contemporâneas causados pelas redes sociais e outras tecnologias de produção e propagação das músicas. Apesar disso, é possível encontrar fontes e experiências que sustentam o argumento de que o funk tem espaço na sala de aula como potência literária inovadora e presente na vida dos jovens.

A trajetória do funk é ligada a uma luta constante por legitimação, seja nos espaços culturais, beirando o combate contra a censura imposta por sujeitos conservadores, seja na luta histórica e racial, que nega ao sujeito periférico o seu lugar de fala e expressão. Hoje, porém, é perceptível que o funk não está mais isolado nas comunidades, mas toma um espaço cada vez maior nos centros urbanos e ambientes privilegiados e, inevitavelmente, a sala de aula.

Por meio da sociolinguística, é possível observar que há recursos para entender a importância que esse fenômeno tem para a valorização dos diversos sujeitos que produzem e consomem o funk, que muito além de um gênero musical, é um estilo de vida. Dessa forma, a escola exerce um papel essencial em validar esses discursos, que muitas vezes não são apenas questão de gosto, mas de existência para aqueles que estão inseridos naquela realidade.

As diferentes expressões artísticas, comunicativas e literárias que o aluno possui são suas formas de se fazer presente no mundo. Portanto, notam-se maneiras em que a escola e o docente podem trabalhar e rever esses conceitos, ultrapassando a visão arcaica de que arte se encontra apenas no canônico ou nos discursos já legitimado pelas elites culturais.

Por fim, é possível concluir que o funk é arte e é cultura. Cultura muito rica e resiliente, que não aceita ser silenciada e expressa a sua voz como resistência e denúncia. O funk é repleto de literariedades, intertextualidades e utiliza-se de múltiplas semióticas para expressar seus significados. Sendo assim, é necessário, como docentes, se propor a olhar para ele como riqueza cultural do Brasil, com espaço nas escolas e em todo lugar que a voz periférica precisar ser ouvida.

REFERÊNCIAS

- AJZENBERG, Elza. A Semana de Arte Moderna de 1922. A Semana de Arte Moderna continua sendo importante referencial para reflexões estéticas cem anos depois. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 74, n. 2, p. 1-6, jun. 2022. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252022000200002. Acesso em: 10 jul. 2023.
- ANDRADE, Oswald de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ANO de Copa - MC Hariel, MC Joãozinho VT e MC Kako (GR6 Explode) DJ Boy (Clipe Oficial). [S.l.]: GR6 EXPLODE, 2022. (4 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kEF4APJuV58>. Acesso em 13 jul. 2023.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: para uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2002a.
- BAGNO, Marcos; GILLES, Gagné; STUBBS, Michael. **Língua Materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002b.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2014.
- BANDEIRA, Manuel. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- BARROS, Gracinda. **Literatura Marginal Periférica**. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Literatura_Marginal_Perif%C3%A9rica#:~:text=O%20termo%20%E2%80%9Cliteratura%20marginal%20dos,da%20rubrica%20literatura%20marginal'. Acesso em: 01 nov. 2023.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Lisboa: Temas e Debates, 1994.
- BORIN, Maísa Augusta. **Sociolinguística**. Santa Maria: Ufsm, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 11.645. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2008. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 30 ago. 2023.

BRÊDA, Lucas; MARIANI, Daniel. Funk é o gênero musical brasileiro mais ouvido em países estrangeiros. **Datafolha**, São Paulo, 22 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/funk-e-o-genero-musical-brasileiro-mais-ouvido-em-paises-estrangeiros.shtml>. Acesso em 13 jul. 2023.

CÂNONE. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/canone/>. Acesso em 14 ago. 2023.

CARVALHO, Zilmara de Jesus Viana de; MELONIO, Danielton Campos. A divisão das belas artes: Kant e Hegel. **Griot: Revista de Filosofia**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 198-216, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6735778>. Acesso em: 14 ago. 2023.

CIDINHO & Doca - Rap Da Felicidade (Lyric Video). [S.l.]: DJ Marlboro, 2017. (5 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nZH3byvS0B4>. Acesso em 13 jul. 2023.

CULTURA. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cultura/>. Acesso em 10 jul. 2023.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 11 ago. 2023.

FERRÉZ (org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GALEAZZI, Annelise Estrella. Do estético ao ético: marginalidade na poesia de Hélio Oiticica. **Opiniões**, São Paulo, n. 18, p. 641-660, 2021. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179882>. Acesso em: 12 ago. 2023.

HILST, Hilda. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KLEIMAN, Ângela Bustos. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, v. 32, n. 53, p. 1-25, 3 jul. 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242>. Acesso em 30 ago. 2023.

LEIA o texto de Monteiro Lobato contra Anita Malfatti em 1917. **Estadão**, São Paulo, 11 fev. 2022. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,leia-o-texto-de-monteiro-lobato-contr-a-anita-malfatti-em-1917,70003974798,0.htm>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LÍNGUA. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trabalho/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LINGUAGEM. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trabalho/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MATOS, Adriana Santos de. **Letramentos vernaculares locais e a BNCC**. 2020. 25 f. Monografia (Especialização) - Curso de Língua Portuguesa e Literatura, Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25082/1/CT_ELPL_III_2020_02.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023.

MC Don Juan - Coração Amoleceu - Prod. DJ Yuri Martins (Vídeo Oficial). [S.I.]: MC Don Juan, 2023. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3EhnbOPRSeU>. Acesso em 14 ago. 2023.

MC Hariel - Congresso Central - 1BEAT 1LETRA (Faixa 2). [S.I.]: MC Hariel, 2022a. (2 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3exQVTfsJs4>. Acesso em 14 ago. 2023.

MC Hariel - Decepção - 1BEAT 1LETRA (Faixa 1). [S.I.]: MC Hariel, 2022b. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zS6fyT-Jjmo>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MC João - Baile de Favela (KondZilla). [S.I.]: Canal KondZilla, 2015. (3 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kzOkza_u3Z8. Acesso em 25 abr. 2023.

MC Kaio e Mc L da Vinte - Que Saudade de Você (CLÍPE OFICIAL) Doug Filmes. [S.I.]: Doug Filmes, 2019. (2 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GzHCmJDfi7s>. Acesso em 14 ago. 2023.

MC Kevin O Chris feat. FP do Trem Bala - Vamos Pra Gaiola (DVD Evoluiu) [Vídeo Oficial]. [S.I.]: Kevin O Chris, 2020. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btkbT1NJO-Y>. Acesso em 25 abr. 2023.

MC Neguinho do Kaxeta - Não é Conselho é Visão (Video Clipe) Jorgin DeeJay. [S.I.]: GR6 EXPLODE, 2016. (5 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pPEoQNqBSSY>. Acesso em 13 jul. 2023.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

MIZRAHI, Mylene. Funk é cultura?: arte, racismo e nação na criminalização de um ritmo musical. **METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 40-59, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/article/view/45521/24519>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MORAES, Carolina; LEWER, Laura. **Villa-Lobos ao som de funk celebra a Semana de Arte Moderna nas periferias de SP**. Disponível em:

<https://guia.folha.uol.com.br/passeios/2022/02/villa-lobos-ao-som-de-funk-celebra-a-semana-de-arte-moderna-nas-periferias-de-sp.shtml>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MOREIRA, Maria Eunice. cânone e cânones: um plural singular. **Letras**, [s. l.], n. 26, p. 89-94, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11883>. Acesso em: 14 ago. 2023.

OBSERVATÓRIO JUVENTUDE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (Rio de Janeiro) (org.). **Linguística**. Disponível em: <http://www.juventudect.fiocruz.br/linguistica>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SANTOS, Rone E. Sobre o lugar do juízo de gosto na Estética Kantiana. **Existência e Arte**: Revista Eletrônica do Grupo Pet-Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rey, v. 3, n. 3, p. 1-12, 2008. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/Rone%20E%20Santos%20FILOSOFIA.pdf. Acesso em: 14 ago. 2023.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista, SEDUC/Undime SP**. São Paulo: SEDUC/SP, 2019. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/CURR%C3%8DCULO-PAULISTA-etapa-Ensino-M%C3%A9dio_ISBN.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.

SET DJ 2W 03 - MC Kaio, MC Luan da BS, MC Josh, MC Rick, MC Braz, MC Tairon (Official Music Video). [S.l.]: Life Song Records, 2022. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=flea4LtQ34M>. Acesso em 25 abr. 2023.

SILVA, Manuella Queiroz; ALVES, Maria da Penha Casado. O funk e a leitura dialógica de sujeitos: a perspectiva Bakhtiniana. **EntreLetras**, Araguaína, v. 9, n. 2, p. 8-26, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/6016/14353>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SOM de Preto - Amilcka e Chocolate - Video Clipe Oficial. [S.l.]: Somdofunk, 2009. (2 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4aai7Bj2NY>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SOUZA, Warley. **Poesia marginal**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/poesia-marginal.htm#:~:text=A%20poesia%20marginal%20foi%20uma,s%C3%A3o%20marcas%20da%20poesia%20marginal..> Acesso em: 01 nov. 2023.

TIPO, sonho de consumo!. [S.l.]: Kyan, 2023. (2 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6dr_Qhd1yOg. Acesso em: 15 ago. 2023.

TORRES, Giovanna Medeiros; BENVENUTI, Juçara. A prática de slam no ensino de literatura na EJA: refletindo um currículo antirracista. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 1-11, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/106550>. Acesso em 12 ago. 2023.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Editora Zahar-Companhia das Letras, 1988.